

Universidade de São Paulo – Faculdade de Direito  
DTB0101 – História do Direito do Trabalho no Brasil  
Professor: Jorge Luiz Souto Maior  
Monitoras: Tainã Góis e Maria Paula Bebba Pinheiro  
Aluno: Gabriel Caetano Paiva – N°USP:12508714  
E-mail: [gabrielcaetanopaiva@usp.br](mailto:gabrielcaetanopaiva@usp.br)

## **A IDEOLOGIA TRABALHISTA NA ERA VARGAS**

Vargas, durante seu período de governo, buscou tentar provar a suposta existência de uma sociedade harmônica, além de buscar criar uma identidade nacional homogênea. Esse processo, em última análise, visava à criação de um operariado contente e submisso (ao governo e à burguesia). Para tanto, a utilização de recursos audiovisuais, especialmente o rádio e o cinema, mostrou-se fundamental para a disseminação dessa ideologia. Dessa forma, para entender o funcionamento do direito do trabalho à tal época, torna-se basilar analisar aspectos ligados à propaganda do governo.

### **1. O rádio**

O rádio foi o principal meio de difusão da ideologia e isso se deve a três aspectos: ao símbolo de modernidade que representava; ao alto alcance pelo território; à facilidade de interpretação pela população analfabeta. Trata-se, aqui, das décadas de 1930 e 1940. As transmissões de rádio por ondas curtas começaram apenas em 1922<sup>1</sup>. Portanto, um governo que adotasse esse meio de comunicação como oficial produz a imagem de criação do progresso para o país, o que era benéfico para a imagem de Vargas. Ademais, em um país extenso como o Brasil, torna-se importante repassar as concepções “oficiais” para todas as regiões para evitar dissidências locais, o que era garantido pelo rádio. Por fim, numa nação em que 75% da população não sabe ler nem escrever<sup>2</sup>, um veículo que propicie a difusão informacional por meio auditivo adquire importância inestimável.

A principal forma de interlocução associada ao rádio era (e é, nos dias atuais) a música. Era natural, por conseguinte, que o governo tentasse usar dela como forma de disseminação de ideologias. Os gêneros mais ouvidos eram o samba e as marchas carnavalescas, o que constituía

---

<sup>1</sup> DIANA, Daniela. História do Rádio. Toda Matéria. 04/05/2020. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-radio/>> Acesso em 25/10/2021.

<sup>2</sup> SOUTO MAIOR, Jorge Luiz. História do Direito do Trabalho no Brasil - Curso de Direito do Trabalho. Vol. I – Parte II. São Paulo: LTr, 2017.

um obstáculo ao uso da música como meio de manipulação varguista, uma vez que esses estilos estavam associados, em grande medida, à boêmia e à insubordinação. Nesse ínterim, o governo Vargas tentou adaptar as letras das músicas ao seu interesse, privilegiando valores como obediência ao trabalho (e ao governo) além de exaltar belezas do Brasil. Foram produzidas, dessa maneira, músicas como “É Negócio Casar” e “Aquarela do Brasil”:

O Estado Novo  
Veio para nos orientar  
No Brasil não falta nada  
Mas precisa trabalhar  
Tem café, petróleo e ouro  
Ninguém pode duvidar  
E quem for pai de quatro filhos  
O presidente manda premiar  
É negócio casar<sup>3</sup>

Brasil!  
Meu Brasil brasileiro  
Meu mulato inzoneiro  
Vou cantar-te nos meus versos  
Brasil, samba que dá  
Bamboleio que faz gingar  
O Brasil do meu amor  
Terra de Nosso Senhor<sup>4</sup>

Observa-se a tentativa de criação do mito do trabalho como engrandecedor da figura do homem e da nação, a fim de garantir a contenção de insatisfações de operários e a conciliação de interesses entre o proletariado e a burguesia, o que, em última instância, geraria o apoio de ambas as classes ao governo além de assegurar o controle sobre possíveis revoltas. Além disso, a construção de uma identidade nacional bem como a de um patriotismo também eram visadas, considerando que o amor à nação significaria um incentivo ainda maior para a dedicação ao trabalho.

A maioria dos sambistas, contudo, não cooptou com o projeto varguista. Muitos desses músicos já haviam sido membros do operariado, e, ainda, descendentes de ex-escravos. Ademais, o rígido controle nas fábricas não era benéfico para a saúde e bem-estar dessas pessoas. Nesse contexto, a subordinação ao patrão e ao governo mostrava-se um ideal intangível, na medida que esse obediência cega não produzia benefício algum para o trabalhador (da mesma maneira que não produziu para os antepassados desses indivíduos). Dessa forma, a “malandragem”, expressa pelo samba, representava a reação ao hostil mundo do trabalho. O molejo significava um grito de liberdade perante condições laborais que

---

<sup>3</sup> ALVES, Ataúfo. É Negócio Casar. *In*: ALVES, Ataúfo. É Negócio Casar. Rio de Janeiro: 1941.

<sup>4</sup> BARROSO, Ary; RUSSEL, Bob. Aquarela do Brasil. *In*: BARROSO, Ary. Aquarela do Brasil. Rio de Janeiro: 1939.

mantinham o indivíduo na miséria. Tal concepção é visível na música “Lenço no Pescoço”, de Wilson Batista:

Sei que eles falam  
Deste meu proceder  
Eu vejo quem trabalha  
Andar no miserê  
Eu sou vadio  
Porque tive inclinação  
Eu me lembro, era criança  
Tirava samba-canção  
Comigo não  
Eu quero ver quem tem razão<sup>5</sup>

Nesse sentido, obter a renda sem trabalhar seria, além de um ato inteligente, uma necessidade, tendo em vista o contexto capitalista predatório para o operário. O samba, destarte, não apenas mencionava a malandragem, mas era composto por malandros.

Depois de perceber o fracasso da tentativa de imposição da ideologia do trabalho na música popular, o governo Vargas (com o apoio das classes dominantes) tentou promover uma espécie de “malandragem oficial”. Com dissimulação evidente, buscava-se incorporar as manifestações dos operários ao discurso oficial com o intuito de garantir a preservação do *status quo*.

## 2. O cinema

Similarmente às tentativas aplicadas ao conteúdo do rádio, tentou-se, no cinema brasileiro, instituir a massificação da identidade nacional. Um aspecto adicional que pode ser mencionado é a busca pela criação da imagem positiva do Brasil para o exterior, com a popularização de figuras como Carmem Miranda. Todavia, esse processo apresentava imensurável complexidade: “*como reforçar a brasilidade sem expor para o mundo o contexto social em que se inseria?*”<sup>6</sup>

Nesse sentido, objetivou-se expressar uma lógica de harmonia social com a difusão de uma identidade alheia à realidade, privilegiando-se valores que representavam o mundo do trabalho como o ambiente propício ao desenvolvimento pessoal e nacional, ocultando-se lutas sociais e abusos existentes, além de remeter à pátria (e conseqüentemente ao governo) como acolhedores não apenas aos brasileiros, mas também a pessoas de outros locais.

Essa estratégia, presente, principalmente, no Estado Novo, foi garantida, em grande medida, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que “*buscava colocar em marcha*

---

<sup>5</sup> BATISTA, Wilson. Lenço no Pescoço. In: BATISTA, Wilson. Rio de Janeiro: 1933.

<sup>6</sup> SOUTO MAIOR, Jorge Luiz. História do Direito do Trabalho no Brasil - Curso de Direito do Trabalho. Vol. I – Parte II. São Paulo: LTr, 2017.

*uma máquina poderosa de controle na área da cultura e da informação, que se ocuparia de diferentes funções, tal como as de subsidiar, produzir, autorizar, censurar e divulgar as várias formas de produção cultural e comunicação na sociedade brasileira.<sup>7</sup>”*

Assim como no rádio, a tentativa de incorporação da ideologia do trabalho ao cinema fracassou, em grande medida. Nesse sentido, é preciso considerar que os maiores financiadores de produções audiovisuais no período eram membros das classes dominantes, os quais privilegiavam ideias europeizadas/norte-americanizadas em obras culturais. Assim, a diligência de se estabelecer um cinema baseado em valores propriamente brasileiros afastava essas pessoas na medida que tal processo significava a unificação da população nacional sob uma única égide, rompendo com o ideal de superioridade preconizado pelos mais ricos. Ademais, conforme já mencionado, a tentativa de se impor um ideal de harmonia social conflitava com o contexto então vigente de desigualdades explícitas. Portanto, grande parte das populações nacional e estrangeira não aderiu de modo cego a tal projeto.

Por conseguinte, nas décadas posteriores, houve domínio do Cinema Novo, que, fortemente influenciado por pensamentos de esquerda, expunha perspectivas críticas da sociedade, de maneira a possuir imanência real muito maior que o cinema varguista.

### **3. Conclusão**

Recursos audiovisuais, na Era Vargas, detinham papel importantíssimo para a expansão dos ideais do governo. Tal período foi marcado pelas tentativas estatais de conciliação de interesses entre o proletariado e capitalistas a fim de garantir o suporte de ambos os grupos ao presidente. Assim, buscou-se construir um ideal de sociedade harmônica a fim de evitar conflitos sociais inerentes a um contexto exploratório em relação aos menos privilegiados socialmente.

Rádio e cinema, meios de comunicação que representavam modernidade, à época, foram, portanto, manipulados em função de tal tentativa de massificação de uma consciência cívica propriamente brasileira. Músicas tiveram letras alteradas; produções específicas foram autorizadas; obras contrárias à ideologia do governo, censuradas. A manipulação de conteúdo era a principal maneira de influenciar a população a adotar o comportamento desejado.

Apesar de tamanho esforço governamental, destaca-se a atuação de trabalhadores, músicos, cineastas na não cooptação desse projeto idealizado. Tendo em vista o contexto social capitalista, que suga a energia e recursos dos mais pobres, diversos artistas privilegiaram a

---

<sup>7</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. In: GOMES, Ângela de Castro (Coord). História do Brasil Nação: 1808-2010. São Paulo: Fundação MapfreObjetiva, 2013. p. 249.

produção cultural que não se torna subordinada à tentativa de manutenção do status quo, relacionando-se, muitas vezes, a obediência à permanência na miséria. Dessa maneira, o samba, ao vangloriar a imagem do malandro e o Cinema Novo (apesar de ser posterior a Vargas, representa o fracasso da ideologia do trabalho a longo prazo) ilustram o continuísmo da presença de contradições e mazelas sociais em obras culturais, o que é fundamental para o entendimento populacional da opressão (e suas causas) inerente ao contexto em que os indivíduos vivem.

Por fim, apesar de o rádio e o cinema terem sido os meios mais manipulados para a tentativa de construção de uma identidade nacional, não se pode deixar de mencionar a função do futebol nesse aspecto. Apesar da origem elitista, o esporte se tornou, especialmente durante a Era Vargas, parte da cultura popular, tornando-se fundamental para a mobilização das massas e para a promoção de valores como esforço, perseverança e ascensão social, de maneira que, assim como os meios de comunicação audiovisuais, foi utilizado para conter anseios populares e promover uma ideologia oficial de governo.

#### **4. Referências**

DIANA, Daniela. História do Rádio. Toda Matéria. 04/05/2020. Disponível em <<https://www.todamateria.com.br/historia-do-radio/>> Acesso em 25/10/2021.

SOUTO MAIOR, Jorge Luiz. História do Direito do Trabalho no Brasil - Curso de Direito do Trabalho. Vol. I – Parte II. São Paulo: LTr, 2017.

ALVES, Ataufo. É Negócio Casar. *In*: ALVES, Ataufo. É Negócio Casar. Rio de Janeiro: 1941.

BARROSO, Ary; RUSSEL, Bob. Aquarela do Brasil. *In*: BARROSO, Ary. Aquarela do Brasil. Rio de Janeiro: 1939.

BATISTA, Wilson. Lenço no Pescoço. *In*: BATISTA, Wilson. Rio de Janeiro: 1933.

DUTRA, Eliana de Freitas. Cultura. *In*: GOMES, Ângela de Castro (Coord). História do Brasil Nação: 1808-2010. São Paulo: Fundação MapfreObjetiva, 2013. p. 249.